

CORPOS (NÃO)HUMANOS EM SACRIFÍCIO: AS
PERSPECTIVAS TRANSUMANAS E OS LIMITES ÉTICOS NA
OBRA *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO

EUGÊNIA ADAMY BASSO (DOUTORANDA)
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
(eugenia.adamybasso@gmail.com)

Dr. EDUARDO MARKS DE MARQUES
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
(eduardo.marks@ufpel.edu.br)

RESUMO: Na busca da superação dos limites naturais humanos, o transumanismo compreende que a tecnologia pode auxiliar na remodelagem desses indivíduos a fim de desenvolver pós-humanos cognitiva, emocional e fisicamente melhorados. Em *Não me abandone jamais*, o internato de Hailsham é um espaço de exílio para clones que vivem à parte da sociedade inglesa do final da década de 1990. Na distopia, o uso de clones como meros doadores de órgãos é justificado como meio essencial para a cura de moléstias graves e tidas até então como incuráveis – a exemplo, o câncer. Sendo assim, este trabalho busca uma reflexão sobre o que é ser humano e quais os limites da ética quando movimentos transumanos marginalizam corpos em prol de outros.

Palavras-chave: Transumanismo, Distopia. Humano. Clones. Corpos.

Artigo recebido em: 17 jul. 2021.
Aceito em: 16 ago. 2021.

BASSO, Eugênia Adamy; MARQUES, Eduardo Marks de. Corpos (não)humanos em sacrificio: as perspectivas transumanas e os limites éticos na obra *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 2 (2021), p. 57-70.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 21 out. 2021.

(NON)HUMAN BODIES IN SACRIFICE: TRANSHUMAN
PERSPECTIVES AND ETHICAL LIMITS IN THE NOVEL
NEVER LET ME GO, BY KAZUO ISHIGURO

ABSTRACT: To overcome human natural limits, transhumanism understands that technology can help transforming individuals towards the development of cognitively, emotionally, and physically enhanced post-humans. In *Never let me go*, Hailsham boarding school is a place of exile where clones are living away from late-1990s British society. In this dystopia, the use of clones as mere organ donors is justified as an essential method for curing serious and incurable diseases – such as cancer. Thus, this paper aims to analyze and discuss what to be human means and what the limits of ethics are when transhuman movements marginalize bodies in favor of others.

Keywords: Transhumanism. Dystopia. Human. Clones. Bodies.

Um recanto artístico onde as aquarelas colorem as telas produzidas pelos alunos que se preparam para a aula de música. Em seguida, é chegada a hora da poesia, e somente ao fim da tarde todos poderão ir ao pátio desfrutar da luz do sol e dos bons ventos. É nessa atmosfera idílica do internato de Hailsham que estão os órgãos a serem transplantados de criaturas vivas, rumo aos necessitados. Publicada em 2005, o escritor japonês radicado na Inglaterra Kazuo Ishiguro traz uma distopia que promove uma reflexão sobre o ser ou não humano em um mundo onde tais definições decidem sobre a dignidade e o destino de cada sujeito.

Narrada em primeira pessoa, a história é contada pela protagonista Kathy, que discorre sua trajetória em Hailsham junto a seus amigos Tommy e Ruth, no final da década de 90. No internato, todas as crianças são frutos de clonagem reprodutiva, e ali vivem exiladas da cidade e da sociedade. Os clones são, então, propriedade da ciência para que futuramente tenham seus órgãos

vitais doados a seres humanos que apresentam comorbidades severas. No internato de Hailsham, todos os clones têm suas habilidades artísticas estimuladas e desenvolvidas durante a infância e a adolescência. Frequentam aulas, são instruídos por professores, desenvolvem trabalhos. Desde cedo, cada criança tem consciência de que são clonadas e de que suas vidas são centradas em realizar doações. Conforme vão crescendo e amadurecendo, o modo como esse processo de transplantes é realizado vai ficando cada vez mais claro para cada uma delas. Ao completarem a idade adulta, os clones são convocados a iniciarem o processo de doações ou, momentaneamente, a se tornarem cuidadores – que são aqueles encarregados de tomar conta e auxiliar os clones que estão realizando as cirurgias. Ainda assim, nenhum clone escapa do destino de se tornar um doador, e cada um tem como objetivo de vida realizar o maior número de doações possíveis antes de concluir (falecer).

Sendo assim, é partindo desse contexto (no qual clones cedem órgãos a seres humanos) que se pode identificar a utopia e a distopia do romance. Segundo o historiador Gregory Claeys, entende-se que a *Utopia* busca uma segurança idealizada que causa cerceamento da liberdade:

[...] a Utopia conta com a transparência impiedosa, a repressão da variedade, o cerceamento da privacidade. A Utopia provém segurança: mas a que preço? Em ambas as relações, externas e internas, realmente, parece haver algo perigosamente distópico. (CLAEYS, 2017, p. 6, tradução nossa)¹

No caso de Hailsham, nota-se que há uma utopia ao exilar os clones e privá-los do mundo real, concedendo-lhes uma vida romântica e ilusória em meio às artes, o que resulta em uma alienação sobre seu real papel naquele universo.

Espero que saibam dar o devido valor ao que nós pudemos garantir para vocês. Olhe só para os dois, agora! Tiveram uma vida boa, receberam educação e instrução. Pena que não conseguimos mais do que isso, mas vocês têm que entender que, antes, as coisas eram muito piores. (ISHIGURO, 2016, p. 312)

¹ For modern readers, however, Utopia appears to rely upon relentless transparency, the repression of variety, and the curtailment of privacy. Utopia provides security: but at what price? In both its external and internal relations, indeed, it seems perilously dystopian.

Neste fragmento do romance, a diretora do internato de Hailsham utiliza o argumento de que os clones estão em uma posição de privilégio por ali estudarem e viverem – nos demais internatos, os clones recebem um tratamento subumano, como se fossem escravos a servirem às experiências da ciência. Ainda assim, os clones têm sua liberdade de decisões, sua autonomia e sua construção de identidade tomadas por seus superiores, e tal utopia resulta em uma distopia onde uma parcela da sociedade (clones) é sacrificada em nome de outra (humanos), o que se traduz em uma distopia.

A distância entre a utopia e a distopia é pequena e pode ser apenas uma questão de opinião e de juízos de valor. [...] Uma vez postas em ação, as utopias não podem ser controladas, e, muitas vezes, pretendem libertar ou tornar felizes os homens, independentemente de suas próprias vontades. A missão de toda utopia é regenerar as pessoas, ainda que precise enfrentá-las e impor-lhes esse alto destino. Eis o caminho que imperceptivelmente nos leva da utopia ao seu gêmeo fantasmático, ao seu *doppelgänger*: a distopia. (MATOS, 2017, p. 45)

Em seu estudo acerca dos universos utópicos e suas transformações, Andityas Matos tece uma conexão entre utopia e distopia traçando um panorama dessas construções nas ficções literárias, cinematográficas e na contemporaneidade real. A incapacidade de existência de um espaço utópico geralmente desencadeia o cenário da distopia, onde se criam grupos que acabam desprivilegiados em nome da ordem e do bem. Em Hailsham, os clones compõem o grupo que se sacrifica, sem nenhuma oposição, em nome da cura de moléstias que, até então, eram incuráveis.

De repente lá estavam todas aquelas possibilidades à disposição, todas aquelas novas formas de cura para tantas doenças até então incuráveis. Foi nisso que o mundo mais reparou, era o que o mundo mais queria. E durante muito tempo as pessoas preferiam acreditar que esses órgãos surgiam do nada ou, no máximo, que cresciam numa espécie de vácuo. Sim, havia debates. Mas até o cidadão comum se preocupar com... com os alunos [...] já era tarde demais. [...] Como é que você pode pedir a um mundo que passou a olhar o câncer como moléstia curável, como você pode pedir a um mundo desses que recolha essa cura, que volte aos dias de trevas? (ISHIGURO, 2016, p. 314)

O fragmento anterior diz respeito a uma das justificativas dadas aos clones sobre o seu uso no trâmite de transplante de órgãos. Mesmo visto como algo cruel, é justificado, aceito e tido como necessário porque, de certa forma,

beneficia uma parcela da sociedade que precisa desesperadamente desse sistema.

Nesse contexto distópico, o romance aborda a dimensão ética da clonagem humana. Sendo assim, tendo em vista a noção de humano, este trabalho busca uma reflexão sobre onde é estabelecida a linha divisória entre o aceitável e o não aceitável eticamente. Para isso, faz-se necessário entender de que forma o sistema da clonagem reprodutiva previsto no transumanismo assume o clone como um integrante de seus processos.

A busca pela superação dos limites biológicos humanos faz parte da ideia de pós-humano de Max More, por meio da qual há uma transcendência de alguns contrapontos naturais que restringem as condições humanas, como doenças, más condições de vida e a própria morte:

Os transumanistas consideram a natureza humana não como um fim em si mesma, nem como perfeita, e não como tendo qualquer direito à nossa lealdade. Pelo contrário, é apenas um ponto ao longo de um caminho evolutivo no qual podemos aprender a remodelar nossa própria natureza de maneiras que consideramos desejáveis e valiosas. Ao aplicar a tecnologia de maneira pensativa, cuidadosa e, ainda assim, ousada, podemos nos tornar algo que não é mais descrito precisamente como humano – podemos nos tornar pós-humanos. Tornar-se pós-humano significa superar as limitações que definem os aspectos menos desejáveis da "condição humana". Os seres pós-humanos não sofreriam mais com doenças, envelhecimento e morte inevitável (mas provavelmente enfrentariam outros desafios). (MORE, 2013, p. 4, tradução nossa)²

Para os transumanistas, a natureza é apenas uma etapa do caminho humano. Por meio da tecnologia, o indivíduo pode reformular sua própria condição biológica através da interdisciplinaridade de diferentes áreas tecnológicas que integram as ciências sociais e físicas. Assim, o foco é garantir melhor qualidade de vida por intermédio do melhoramento humano, assegurando a otimização de emoções, capacidades cognitivas, adaptabilidade,

² Transhumanists regard human nature not as an end in itself, not as perfect, and not as having any claim on our allegiance. Rather, it is just one point along an evolutionary pathway and we can learn to reshape our own nature in ways we deem desirable and valuable. By thoughtfully, carefully, and yet boldly applying technology to ourselves, we can become something no longer accurately described as human – we can become posthuman. Becoming posthuman means exceeding the limitations that define the less desirable aspects of the “human condition.” Posthuman beings would no longer suffer from disease, aging, and inevitable death (but they are likely to face other challenges).

saúde física e mental com a colaboração de métodos da ciência da computação, engenharia genética, neurociência, inteligência artificial, medicina regenerativa e nanotecnologia. De acordo com a filósofa Francesca Ferrando:

O melhoramento humano se refere à tentativa de superar as limitações biológicas do corpo humano, bem como desafiar as fronteiras do que a espécie humana tem historicamente sido considerada capaz de fazer nos níveis cognitivos e físicos, por exemplo. (2019, p. 133, tradução nossa)³

É em meio a essa linha argumentativa que se adota o uso de clones, em Hailsham, para garantir a sobrevivência de seres humanos com doenças incuráveis, como o câncer. No entanto, Ferrando parte de uma visão pós-humanista que problematiza as concepções transumanas sobre o que é ser humano. Ao retomar os ideais iluministas de progresso e método científico do humanismo, a autora o compara aos princípios de racionalidade humana das linhas transumanistas, questionando que ambos os movimentos carregam uma visão semelhante sobre o que é ser humano, fazendo do transumanismo um movimento de ultra-humanismo:

Outra noção que tem sido pressuposta na tradição transumanista é a "razão". Ainda assim, as áreas de estudos raciais, feministas e animais, entre outros campos, demonstraram claramente o quanto a ênfase no humano como um animal racional tem sido uma ferramenta discursiva poderosa para escravizar, maltratar e dominar historicamente determinados indivíduos e a maioria dos animais não humanos. Por exemplo, mulheres e escravos foram historicamente definidos como "irracionais", "emocionais" e "naturais" (em contraposição ao adjetivo "cultural"); a noção de animal racional não se aplicaria a eles, mas se referiria a categorias privilegiadas de homens (como machos adultos em sociedades patriarcais e senhores/proprietários em economias escravistas). Tal discurso, longe de ser neutro, sustentaria e justificaria desigualdades sociais, discriminações políticas e violência legalizada. De uma perspectiva pós-humanista, o Transumanismo se beneficiaria com a implementação de uma abordagem crítica substancial não apenas ao paradigma humanista, mas

³ Human enhancement refers to the attempt to overcome the biological limitations of the human body, and to challenge the borders of what the human species has historically been considered capable of, for instance, on a cognitive and physical level.

também à noção de tecnologia, que está no cerne da era do Transumanismo. (2019, p. 34, tradução nossa⁴)

Ferrando também aponta para a relativização do conceito de progresso que, após a Segunda Guerra Mundial, foi amplamente criticada – algumas tecnologias abraçam determinadas sociedades às quais o progresso é destinado, excluindo comunidades subalternas. Ao analisar a ideia de humano, a filósofa elenca algumas categorias que foram desumanizadas ao longo da história, sendo elas as figuras femininas (como as bruxas), as figuras monstruosas, os corpos deformados, os escravos, os homossexuais. A partir da polarização humano e não humano, prepara-se uma possível fase de extermínio, na qual corpos são aniquilados em nome da dualidade humano-animal e por meio do estranhamento do Outro. Na perspectiva pós-humanista da autora, é necessário que esses indivíduos se percebam dentro da noção de humano e que as noções não-hegemônicas de humano sejam abraçadas e reconsideradas dentro dos estudos que constroem o pós-humano.

A leitura do romance permite um questionamento ético acerca da linha tênue entre clones e humanos que, dentro daquele universo, está propositalmente demarcada de modo a sustentar os trâmites científicos em voga envolvendo transplantes de órgãos. Tal indagação ocorre porque os protagonistas, que são clones, performam o comportamento humano ao decorrer de toda a narrativa, permitindo uma reflexão do que faz um indivíduo ser ou não humano.

Ao abordar questões morais e éticas, os transumanistas geralmente adotam um padrão universal baseado não na participação na espécie humana, mas nas qualidades de cada ser. Criaturas com nível semelhante de sapiência, sciência e personalidade recebem status semelhante, não importa se são humanos,

⁴ Another notion that has been taken for granted within the transhumanist tradition is “reason.” And still, critical race studies, feminism, and animal studies, among other fields, have clearly demonstrated how the emphasis on the human as a rational animal has been a powerful discursive tool to historically enslave, mistreat, and dominate some humans and most nonhuman animals. For instance, women and slaves have been historically defined as “irrational,” “emotional,” and “natural” (in contraposition to “cultural”); the notion of rational animal would not apply to them, but would refer to privileged categories of men (such as adult males in patriarchal societies and masters/owners in slave economies).⁶ Such a discourse, far from being neutral, would generate, sustain, and justify social inequalities, political discriminations, and legal violence. From a posthumanist perspective, Transhumanism would benefit from implementing a substantial critical approach not only to the humanist paradigm but also to the notion of technology, which is at the core of the age of Transhumanism.

animais, ciborgues, inteligências de máquina ou alienígenas. (MORE, 2013, p. 13, tradução nossa)⁵

Seguindo as ideias de More, os clones são semelhantes aos seres humanos, ou seja, da mesma espécie. No entanto, aproximando-se novamente das problematizações de Ferrando (2019), é possível desconfiar que, mesmo com as qualidades humanas, o status de semelhante abre margem para a não equidade entre ambas as espécies. Ainda assim, o filósofo Nick Bostrom, em *Transhumanist Values*, garante:

Como alternativa, às vezes é insinuado que os clones não seriam totalmente humanos ou não teriam algum aspecto da dignidade humana. Essa é uma visão que os transumanistas rejeitam veementemente. Um clone teria os mesmos direitos e dignidade que qualquer gêmeo geneticamente idêntico ou como outro ser humano. Devemos julgar as pessoas com base no que são e no que fazem, não com base nos mecanismos causais (que, em qualquer caso, estavam além de seu controle) que determinaram como vieram à existência. (BOSTROM, 2008, p. 1, tradução nossa)⁶

Bostrom também defende a visão do transumanismo de que clones apresentam dignidade humana e o que faz cada indivíduo o ser não depende do meio que veio a existir, mas no que ele consiste e como atua. Porém, percebe-se que os clones de Hailsham não são concebidos com tais ideais éticos de equidade. Se nos atentarmos para os princípios básicos da bioética (fundamentados pelos filósofos Tom Beauchamp e James Childress) e os relacionarmos ao universo de Hailsham, é possível apontar que o princípio da autonomia é infringido durante o processo.

⁵ In addressing moral and ethical concerns, transhumanists typically adopt a universal standard based not on membership in the human species but on the qualities of each being. Creatures with similar levels of sapience, sentience, and personhood are accorded similar status no matter whether they are humans, animals, cyborgs, machine intelligences, or aliens.

⁶ Alternatively, it is sometimes insinuated that clones would not be fully human or would lack some aspect of human dignity. That is a view that transhumanists strongly reject. A clone would have the same rights and dignity as any genetically identical twin or other human being. We should judge people on the basis of what they are and what they do, not on the basis of the causal mechanisms (which were in any case beyond their control) that determined how they came to into existence.

Para este fim, começamos com o que consideramos ser essencial para a autonomia pessoal, em contraste com o autogoverno político: o governo pessoal de si mesmo que é livre de interferências de controle de outros e de limitações pessoais que impedem escolhas significativas, como compreensão inadequada. (BEAUCHAMP, CHILDRESS, 1994, p. 121, tradução nossa)⁷

Entende-se que a autonomia é o foco para cada indivíduo envolvido em qualquer procedimento da ciência médica, de modo que lhe seja garantido o direito à liberdade de escolha e ao entendimento de seu papel no que tange aos próximos passos de seu envolvimento em qualquer tratamento, tanto como paciente quanto colaborador. Tal direito deve ser assegurado sem o controle de terceiros ou sem o abuso de vulnerabilidade desse sujeito, principalmente dos indivíduos com autonomia diminuída - que é o caso dos clones de Hailsham.

CORPOS SEMELHANTES, CORPOS DISTANCIADOS

Para melhor esclarecer a divisão entre clones e humanos e o porquê de sua complexidade trazida no romance, faz-se necessário esmiuçar as características que separam e aproximam esses dois mundos.

A primeira delas, diz respeito ao fato de que os clones não podem se reproduzir:

De todo modo, o que eu fazia na hora era me balançar de lá para cá bem devagar, no ritmo da música, segurando um bebê imaginário no colo. Na verdade, para tornar as coisas ainda mais embaraçosas, foi uma daquelas vezes em que peguei um travesseiro para fazer de bebê e fiquei rodopiando num bailado lento, de olhos fechados, acompanhando baixinho a letra toda vez que o refrão dizia: “Oh, baby, baby, não me abandone jamais...” (ISHIGURO, 2016, p. 91)

O fragmento em destaque traz a origem do título do romance, em que Kathy, a narradora, relembra quando estava em seu quarto ouvindo uma música, abraçada em um travesseiro, embalando-o como se fosse uma criança

⁷Toward this end, we start with what we take to be essential to personal autonomy, as distinguished from political self-rule: personal rule of the self that is free from both controlling interferences by others and from personal limitations that prevent meaningful choice, such as inadequate understanding.

e cantando uma canção que adorava. Conforme vão crescendo e amadurecendo, os clones tomam consciência de que são incapazes de se reproduzirem e, a partir disso, constituir uma família – o que já os distancia dos demais seres humanos. “Nenhum de nós, por falar nisso, ficou especialmente aborrecido com a notícia; na verdade, lembro-me que houve gente satisfeita de saber que poderíamos fazer sexo sem ter de nos preocupar com as consequências” (ISHIGURO, 2016, p. 93).

Mesmo nessas condições impostas, os clones não demonstram nenhuma resistência dentro de seu papel social. No trecho anterior, percebemos que alguns ainda conseguem visualizar pontos positivos em um ambiente onde certa desvantagem já se inicia desde o nascimento de cada um deles. Ainda que o fato de serem estéreis possa ser classificado como um ponto de distanciamento entre clones e humanos, nota-se um segundo aspecto a ser mencionado, que é a docilidade dos clones. Embora tenham sua autonomia diminuída e suas identidades anuladas, o internato de Hailsham é um ambiente artístico onde não há violência repressiva, estrutura física precária, escassez de suprimentos: pelo contrário, as crianças têm brinquedos, material escolar, todas as refeições disponíveis, momento de lazer, praticam esportes, etc. Nessa configuração, dificulta-se o surgimento de qualquer impulso revolucionário e, além disso, sua instrução escolar já os encaminha para uma aceitação de sua função como doadores.

O terceiro tópico que merece realce no romance é de que os clones são exilados:

“Indignos de privilégios” e “mau uso das oportunidades”: essas eram duas frases constantes das quais Ruth e eu nos lembramos, quando começamos a rememorar tudo, em seu quarto no centro de Dover. O tom geral era bastante claro: éramos, todos nós, muito especiais, sendo alunos de Hailsham, e justamente por esse motivo a decepção era maior quando nos comportávamos mal. (ISHIGURO, 2016, p. 58)

O parágrafo supra traz um exemplo de como o exílio doutrina e manipula cada aluno de Hailsham. Tendo em vista que não possuem família, o internato é o único marco de referência e de identidade que as crianças convivem. Assim sendo, são levadas a crer que são especiais por fazerem parte daquela comunidade, privilegiadas, e que, em troca, desempenham o importante papel de ajudar a sociedade. Qualquer desvio comportamental é visto como uma traição à lealdade a ser dedicada ao internato, e isso faz parte do jogo manipulador em que as crianças se encontram. Estando em uma situação de

carência, a escola e cada guardião (os professores e demais funcionários da escola) são vistos como uma figura paterna ou materna para os clones, desencadeando uma eterna submissão – quarto elemento a ser evidenciado na narrativa.

“Acho que eu fui uma cuidadora até que bem decente. Mas cinco anos foram mais que suficientes para mim. Eu era como você, Tommy. Estava muito bem preparada, quando me tornei doadora. Parecia a coisa certa a fazer. Afinal de contas, é o que se espera que a gente faça, não é?” (ISHIGURO, 2016, p. 272)

A fala da personagem Ruth, amiga da narradora, confirma que os clones assumem o compromisso de realizar um número máximo de doações, além de se orgulharem disso. O enredo aborda a paixão de Kathy e Tommy, que se apaixonam e solicitam um “adiamento” – uma licença para viverem juntos alguns anos excedentes antes de iniciarem os transplantes. No entanto, embora tenham recebido recusa, ambos se conformam quanto a isso e seguem seus processos de doações.

O último aspecto a ser destacado é de que os clones produzem e apreciam poesia, música e pintura. A arte separa seres humanos de animais, pois trabalha com a racionalidade e a capacidade de expressão e materialização de sentimentos.

Você disse que era porque a arte revelaria como vocês eram. Como vocês eram por dentro. Foi isso que você disse, não foi? Bem, pois saiba que não está muito distante da verdade. Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para provar que vocês tinham uma alma. (ISHIGURO, 2016, p. 311)

Na obra, a arte é colocada como manifestação e prova de que há existência de alma em cada indivíduo. A direção de Hailsham solicitava as pinturas dos clones para defender aos cientistas a ideia de que os clones possuíam alma, evidência que os aproximaria de seres humanos.

À vista disso, é possível elencar algumas características capazes que associam clones e humanos: capacidades reprodutivas, habilidades sociais, habilidades racionais, sensibilidade e subjetividade, identidade e pertencimento. Em Hailsham, as características humanas são exploradas pelo romance nas relações dos clones desde crianças – quando constroem laços afetivos, apaixonam-se, sentem ciúmes, entram em desavenças, têm sexualidade, sentem vergonha e timidez, discriminam, julgam, identificam-se em grupos, são curiosos. Ainda assim, no contexto da história, faz-se oportuno

o questionamento sobre a porta que isola e conecta esses dois mundos paralelos em que clones e humanos atravessam.

CORPOS DESUMANIZADOS

Se os clones não são humanos, os humanos que recebem seus órgãos continuam o sendo por completo? Ao assumir um órgão que se diz ser de uma criatura, a pessoa abriga parte de tal ser consigo; portanto, o distanciamento entre elas deveria ser diminuído. No entanto, mesmo estando mais conectadas, reforça-se o distanciamento para que a prática de transplantes continue ocorrendo. Caso tais barreiras caíssem, o único elemento que assegura a questão ética dos procedimentos de doações seria rebatido. No romance, a clonagem reprodutiva com o objetivo de transplante de órgãos é ética, desde que envolva única e exclusivamente o benefício humano. Nesse caso, a clonagem somente provocaria controvérsias se houvesse malefícios a humanos e não a criaturas vistas como produtos de laboratório. Tal argumento se comprova quando há um embate entre a diretora de Hailsham e o corpo científico, que tem como consequência o encerramento das atividades do internato. A Senhora Emily fracassa ao convencer a comunidade científica de que os clones têm humanidade, pois produzem arte e, conseqüentemente, têm alma; ao passo que os demais cientistas da época os resumem como cobaias e não aceitam tais considerações.

Por mais desconfortáveis que as pessoas se sentissem a respeito da existência de vocês, a preocupação suprema delas era que filhos, cônjuges, pais e amigos não morressem de câncer, esclerose amiotrófica, de doenças do coração. Por esse motivo, durante algum tempo vocês foram mantidos nas sombras e as pessoas faziam o possível para não pensar no assunto. Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância. E assim permaneceu a nossa situação até surgir o nosso movimentozinho. (ISHIGURO, 2016, p. 314)

Hailsham e o movimento de Senhora Emily se encerram após o escândalo do cientista James Morningdale que, na Escócia, divulgou sua pesquisa sobre o melhoramento humano de novos indivíduos com inteligência e capacidade atléticas superiores às gerações atuais. Tal estudo representava uma ameaça para a humanidade: “Crianças comprovadamente *superiores* a todos? Ah, não. Isso assustou as pessoas. Essa possibilidade foi rejeitada” (p. 316, grifos do autor). A partir de então, as empresas e os políticos patrocinadores do movimento de Hailsham encerraram suas contribuições para qualquer ideal que fosse ameaçar seu status de superioridade e, como consequência, qualquer

aposta que fosse comprovar a humanidade dos clones seria completamente ignorada e banida de debate.

Sendo assim, ao tratar do bem-estar humano, o sacrifício de corpos não humanos é moralmente aceito por conta dos benefícios consequentes. No entanto, jamais se aceitaria que o mesmo ocorresse explicitamente com seres humanos. O romance apresenta uma configuração na qual o que define o limite ético é a dualidade entre humano e não humano. Quando questionados sobre a humanidade dos clones, os cientistas e os demais beneficiários envolvidos no processo rejeitaram as evidências de humanidade existentes. Assim, mesmo com a divulgação dos resultados de que os alunos de Hailsham produziam arte, construíam laços afetivos, tinham habilidades sociais e desenvolviam sua identidade, a comunidade preferiu defender que os órgãos que dali saíam eram de criaturas quaisquer.

Desse modo, ignora-se que o que define um sujeito como humano é sua construção identitária, pertencimento, relações afetivas e sociais, capacidade de externalizar sentimentos e sua produção racional. Constrói-se um processo de desumanização proposital dos clones e há um apego à forma que os clones são concebidos e às suas condições estéreis reprodutivas. Assim, o limite ético no espaço da obra se restringe à definição de humano como reduzida às condições intrínsecas ao corpo humano natural, como origem e propagação da espécie.

REFERÊNCIAS

BEAUCHAMP, T.; CHILDRESS, J. *Principles of biomedical ethics*. 4 ed. New York: Oxford University Press, 1994.

BOSTROM, N. *Transhumanist Values*. Nick Bostrom, 2008. Disponível em: <<https://www.nickbostrom.com/tra/values.html>>. Acesso em: 15/maio/2021.

CLAEYS, G. *Dystopia: A Natural History*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

FERRANDO, F. *Philosophical Posthumanism*. London: Bloomsbury Academic, 2019.

ISHIGURO, K. *Não me abandone jamais*. 2 ed. Tradução: Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MATOS, A. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, jan./dez. 2017.

BASSO, Eugênia Adamy; MARQUES, Eduardo Marks de. Corpos (não)humanos em sacrifício: as perspectivas transumanas e os limites éticos na obra *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 2 (2021), p. 57-70.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 21 out. 2021.

MORE, M. The Philosophy of transhumanism. In: *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. Oxford: Wiley Blackwell, 2013. p. 3-17.

EUGÊNIA ADAMY BASSO é licenciada em Letras – Português e Inglês (2017) e mestra em Letras (2019) pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente, é doutoranda do curso de Letras, linha de pesquisa Literatura, cultura e tradução, na mesma instituição, e trabalha como professora de língua inglesa e língua portuguesa no ensino básico da rede pública de Canoas – RS.

EDUARDO MARKS DE MARQUES é licenciado em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), mestre em Letras – Inglês e Literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002) e doutor em Australian Literature and Cultural History pela University of Queensland (2007). Fez estágio pós-doutoral em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Atualmente, é professor na Universidade Federal de Pelotas, onde atua também no PPG – Letras e desenvolve, desde 2014, pesquisas na área das distopias literárias anglófonas e sua relação com o pensamento transumano.